



www.joaooxiii.com.br

FALA, JOÃO

Jornal do Colégio João XXIII

Agosto, Setembro, Outubro - 2018

Foto: Rafael Wilhelm



Frida é musa na Feira

Frida Khalo é um compêndio. A vida e a obra da pintora mexicana compõem uma espécie de poema épico incendiário de debates sobre os direitos da mulher, a sexualidade, as fórmulas prontas das relações, a deficiência física, a identidade cultural, a arte e a estética feminina, entre outros temas. Com suas tranças entremeadas de flores, vestimentas étnicas e sobranceiras de asas de corvo, virou ícone onipresente. Nada mais justo, portanto, ser eleita a musa da última edição da Feira do Livro do Colégio João XXIII. Montado pelos estudantes da 2ª e da 3ª série do Ensino Médio, o Museu Vivo da Frida foi um dos chamarizes do evento, capaz de mobilizar a comunidade escolar, apesar do chuvisqueiro intermitente registrado no dia da festa- sábado, 20 de agosto.

Quem semeia debate colhe democracia

“Toda a unanimidade é burra”, dizia Nelson Rodrigues. “Narciso acha feio o que não é espelho”, canta Caetano Veloso. “Pesquisem, pensem, opinem” incentiva o João. Em outras palavras, o Colégio semeia debate para colher democracia. E colhe. No dia 13 de outubro, o confronto de ideias no debate Escola sem Partido, Escola sem Mordaça, contou com a presença do vereador peemedebista Valter Nagelstein (autor da controvertida PLL 124/ 2016) do advogado José Antonio Rosa (Movimento Escola Sem Partido); professora Elisabete Búrgio (Frente Gaúcha Escola Sem Mordaça) e do historiador e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Fernando Nicolazzi, além da comunidade escolar. Em meio aos apartes exaltados, os estudantes colocaram água na fervura, com suas intervenções incisivas, claras, corajosas, mas serenas.

A proposta de conversar a respeito do polêmico assunto partiu de Nicolazzi, pai da Escola. O desafio foi aceito, como relatou a presidente da Fundação Educacional João XXIII, Laura Eifler Silva, mediadora do evento junto ao lado do professor de História e Sociologia do João, Rogério Carriconde. Nagelstein foi contatado e inicialmente aceitou o convite, embora às vésperas do evento tenha recuado alegando ser um momento inadequado, pois o projeto ainda deveria passar pela apreciação das comissões. Na última hora, porém, acabou confirmando presença.

O vereador chegou acompanhado por apoiadores e pelo assessor Filipi Carrion, munido de um megafone e de um celular, com o qual filmava o encontro antes mesmo de começar. Quando foi solicitado a interromper a filmagem,



começou a gritar que queriam quebrar o seu aparelho. Nesse clima tenso, começou o debate. O vereador foi o primeiro a falar e já na saudação provocou protestos das mulheres ao se dirigir apenas a “todos”. Respondeu dizendo a fórmula “todos e todas” foi inventada por Lula e que ele seguia as regras do idioma. Bem mais tarde, durante as perguntas, a aluna Maria Clara Brites, do 2º ano C, o confrontou: “A Língua Portuguesa é machista e também na Escola aprendemos a respeitar as mulheres.

Além de explicar a proposta- que, segundo ele, tem como focos principais a neutralidade político-ideológica, a pluralidade de ideias e a liberdade de consciência e crença, sendo assim uma “vacina contra a doutrinação”- Nagelstein disse estar sendo alvo de uma campanha difamatória. “Goebels (Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda nazista) dizia que uma verdade repetida mil vezes vira verdade”, citou, complementando: “Desconstituir os opositores é uma tática dos governos totalitários”.

Sem resposta:

Muitas dúvidas permaneceram após o debate, pois os questionamentos foram encarados como ofensivos pelo vereador. Algumas delas:

- Como ensinar Biologia sem falar em sexualidade para não ferir a moral da família?
- Como a escola pode contribuir para reduzir a gravidez na adolescência, a homofobia (considerando os altíssimos índices de assassinatos de homossexuais no Brasil), o preconceito racial, a violência contra a mulher e o preconceito como um todo mantendo a imparcialidade?
- Como explicar o Holocausto e o escravismo – só para citar dois exemplos – mantendo isenção e imparcialidade, esquivando-se de debater os valores éticos e estimular o pensamento crítico?
- Quais os pressupostos pedagógicos que fundamentam o projeto e que retiram do professor a condição de educador?
- Por que criar uma nova legislação, se o vereador diz já existir, na Constituição, a garantia de que as escolas não podem ser doutrinárias?

José Antonio Rosa o sucedeu ao microfone e foi incisivo na sua fala: “O professor não é um educador. Ele é mestre. Educadores são os pais”. Também provocou ao dizer que os professores ensinam sobre o Holocausto, mas não falam sobre as milhares de mortes provocadas pelos governos comunistas. “Hitler vira criança de colo perto dos comunistas”, bradou, comparando o comunismo a uma religião. Nem os apoiadores da Escola sem Partido se atreveram a aplaudi-lo nesta hora.

Nicolazzi – o próximo a falar – contextualizou o momento histórico explicando que o projeto da Escola sem Partido faz parte de uma articulação nacional. Prova disso, informou, são os 14 projetos de lei similares em curso no Brasil. Em todas essas propostas, o professor deixa de ser um educador, passando a mero administrador de conteúdos. Ele finalizou a exposição com um vídeo sobre a célebre apresentação de Chico Buarque e Gilberto Gil que tiveram o microfone cortado ao interpretarem a música Cálice, durante a ditadura militar. Elisabete Búrgio, que encerrou as falas, despertou palmas e protestos, especialmente ao conclamar enfaticamente os professores a dizerem “Não” a uma escola que difunda preconceitos e privada de promover uma educação inclusiva, ambiental e difusora da cultura dos direitos humanos.

O vereador, visivelmente alterado, pediu um aparte e ameaçou retirar-se caso o tema não retomasse ao que considerava o eixo da questão, ou seja, seu projeto. Voltou a sentar-se sob aplausos e vaias. Os esforços dos mediadores garantiram o retorno ao debate com o início das perguntas. Os apartes iniciais foram de apoio a Nagelstein, mas alguns dos presentes protestaram por não serem eles membros da comunidade escolar. O primeiro jovem a falar – no caso o ex-aluno do Colégio Pedro Pacheco, hoje estudante de História na UFRgs – começou sua intervenção com o bordão “Primeiramente Fora Temer”. Ao ouvi-lo, o vereador disparou: “É fácil ser comunistinha com uma bermuda de surfista”. Pedro exigiu respeito, mas não revidou a agressão. Assim como ele, todos os estudantes que se pronunciaram mantiveram a serenidade, embora as perguntas tenham sido incisivas e bem construídas. Entretanto, quase nenhum questionamento feito pelos adolescentes foram respondidos.

O autor da PL deteve-se em algumas indagações dos pais e mostrou-se pouco coerente com a sua proposta de pluralidade ao abandonar o debate antes do término, alegando estar diante de uma plateia de militantes. “Não somos militantes, somos pais”, contestaram os presentes. O debate terminou sem ele e, ao final a diretora Anelori Lange subiu ao palco para declarar: “Essa Escola tem a participação no seu DNA e, quando escutamos os alunos falar, temos certeza de que é, sim, uma escola plural e assim continuará sendo”.



Jornal do Colégio João XXIII

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Presidente: Laura Maria Da C. Eifler Silva

Vice Presidente: Tuchia Pereira Rodrigues

Diretor Financeiro: Jose Alencar Lummertz

Diretor de Obras e Patrimônio: Demétrio Luis

Guadagnin

Diretor Jurídico: Candice Orlandin Premaor Gullo

Diretor de Comunicação: Edgar Da Silva Aristimunho

INSTITUTO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Diretora Geral: Anelori Lange

Vice-Diretora: Maria Tereza Coelho

Jornalista Responsável: Rosina Duarte

Assessoria de Imprensa e Colaboração: Luana Dalzotto

Castro Alves

Diagramação e editoração: Patrick de Medeiros

Fotos: Audiovisual João XXIII



Aldo compartilhado

O João fez aniversário, mas foi ele que presenteou Porto Alegre. Convidado especial na programação dos 52 anos do Colégio, o educador italiano compartilhou suas experiências em palestra na Assembleia Legislativa. Isso se tornou possível por meio de uma parceria firmada com a Secretaria Municipal de Educação, mediada por Hildair Garcia Camera, que, além de ser Orientadora Educacional Infantil da Escola, é também Assessora Pedagógica do município. Por coincidência, o orador tem o mesmo sobrenome do prefeito José Fortunati, o que levou alguns dos presentes a farejar um parentesco entre ambos, mesmo porque algumas pessoas presentes desconheciam o projeto de São Miniato.

Antes de serem conduzidas à La Bottega di Gepetto, com sua proposta inovadora e desafiante de responsabilizar toda a comunidade pela educação

de crianças pequenas e promovê-las a reais protagonistas do processo educativo, os presentes ouviram a saudação da Secretária de Educação, Cleci Maria Jurach, da diretora do João, Anelori Lange, da coordenadora pedagógica municipal da Educação Infantil, Gislaine Marques Leães e da Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do João XXIII, Márcia Valiati

Na plateia, as educadoras fizeram uma viagem à Itália- mais especificamente à singular escola dirigida por Aldo- sem sair dos assentos. Ouviram atentas quando ele e sua assessora Chiara relataram com minúcias o método e as histórias vividas do outro lado do mundo. Com algumas situações se surpreenderam, e com outras se identificaram. Afinal, como resumiu Marcia Valiati, citando o escritor uruguaio Eduardo Galeano, “o melhor que o mundo tem está nos muitos mundos que o mundo contém”.

Opiniões e impressões

“A educação pública e a privada podem andar juntas. Porto Alegre tem 28 mil crianças com idade de 4 a 6 anos sedentas de aprendizado e de mostrar tudo o que sabem. Esta noite nos traz novas energias e novos conhecimentos. O que nos move é o sentimento de que, através da educação, nós vamos mudar o mundo. Não no futuro, mas agora”.

Cleci Maria Jurach

Secretária Municipal de Educação

“A noite de hoje foi marcada pela generosidade. O Colégio João XXIII compartilhou essa experiência conosco, que viemos aqui visando à nossa qualificação profissional. Levamos o sentimento de fazer o melhor por nossas crianças”

Gislaine Marques Leães

Coordenadora Pedagógica Municipal da Educação Infantil

“Sou professora há 18 anos e pouca coisa me surpreende. Para mim, o fundamental é trabalhar com criatividade, aproveitando o potencial de cada criança, preparando-as para os anos iniciais. Tudo isso precisa ser feito de maneira acolhedora, e é importante manter o vínculo afetivo. Professor de criança tem de ser afetivo. Mas, como trabalhamos sempre dentro da rotina e das necessidades, o acesso a experiências de fora é bem difícil. Nesse tempo todo, ouvi poucas palestras de estrangeiros. Apenas em outros seminários. É importante ouvir pessoas com outras experiências, embora cada lugar tenha a sua realidade e nem sempre ela corresponda à nossa”.

Luciane Meirelles

Professora da Escola de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura

“A educação infantil inserida dentro de uma escola de ensino fundamental acaba seguindo a lógica do fundamental. Minha expectativa ao vir aqui é poder levar um pouco dessa reflexão sobre a educação sob a ótica da criança para minha instituição, e também fazer um movimento para a aproximação das famílias. Temos pouquíssimas oportunidades de ouvir um educador como Aldo Fortunati, e eu não podia perder”

Caroline Israel Monticelli

Supervisora da Educação Infantil da Escola de Ensino Fundamental José Loureiro da Silva



Fotos: Audiovisual João XXIII e Rafael Wilhelm

Olhos nos olhos

Em ano de Olimpíada e Paralimpíada, o João XXIII sediou um embate internacional entre Brasil e Itália. O Brasil foi representado por Sofia Rodrigues Berberian, estudante do Nível B. A Itália, por Aldo Fortunati, responsável por La Bottega di Gepetto, de São Miniato, referência mundial em educação de crianças pequenas. Ele se encontrava em Porto Alegre a convite do Colégio João XXIII e também para ministrar uma palestra dirigida a professoras e professores da rede municipal de ensino. Seu primeiro compromisso, porém, foi brincar com a gurizada e percorrer sem pressa as turmas da Educação Infantil.

Aldo chegou sem pompa nem pose, acompanhado de sua assessora Chiara Parrini, na tarde do dia 15

de agosto. Já na entrada, deteve-se para observar os meninos e as meninas brincando ao ar livre. Um deles – Felipe Genro de Souza aproximou-se com seu passinho de quase bebê e encarou-o. O educador se inclinou até ficar no mesmo nível de Felipe, e os dois ficaram olhando-se nos olhos, às vezes sorrindo, às vezes sérios. Reconheciam-se um ao outro, enquanto eram cercados por outras crianças curiosas diante da cena. Depois, cada um seguiu seu caminho.

Guiado pela coordenadora da etapa Márcia Elisa Valiati e auxiliado pelo tradutor Luís Eduardo Schepp, Aldo mais ouvia do que perguntava, percorrendo cada espaço sem urgência. Os arquivos dos alunos –pastas artesanais de

bom tamanho, que acolhem os trabalhos feitos em aula e as observações das professoras a respeito de cada um mereceram sua atenção especial e um elogio. “Esses documentos são muito ricos e interessantes”- comentou, como que para si mesmo. Márcia explicou a proposta: “Precisamos ter muito cuidado quando expressamos nossa interpretação, pois se trata de uma responsabilidade ética muito grande. É necessário dar tempo para os adultos organizarem e escreverem tudo isso junto com as crianças. Elas precisam interagir, manipular, intervir, se reconhecer”.

Os espaços internos, com seus cenários lúdicos povoados por personagens construídos com sucatas, igualmente me-

receu especial atenção de Aldo Fortunati, que parou intrigado diante de um enorme baobá instalado no meio da sala da NJ. A árvore foi esculpida após a turma ter trabalhado com histórias e lendas africanas, conforme esclareceu a professora Fernanda Terra Souza.

Brincadeiras brasileiras

Por onde passavam, Aldo e Chiara nunca estavam a sós com as educadoras do João. A dupla era invariavelmente cercada ou seguida pela gurizada, com seus olhos curiosos. “Boa tarde”, adiantou-se Sofia, com ares de anfitriã. Os visitantes responderam: “Buona sera, bambini”. A menina olhou confusa para as professoras, mas, diante do silêncio delas, que deixaram a seu cargo resolver a situação, dirigiu-se diretamente aos italianos: “Aqui a gente não fala a sua língua”. O tradu-

tor salvou o diálogo, e Sofia foi logo se apresentando e indagando sobre a identidade dos recém chegados. Ao ouvir o nome Chiara, seus olhos brilharam: “É o nome da cadelinha da minha dinda”. A gargalhada foi geral.

Apesar de Sofia ter feito papel de recepcionista e de desafiadora de Aldo na singular partida de xadrez- que o levou a permanecer sentado no chão, por um bom quarto de hora, de onde saiu derrotado pela opositora- sua fiel cicerone foi Rayssa dos Santos Castro. Ela explicou com minúcia cada item da sua sala de aula, dando destaque especial para os variados doces de mentirinha (feitos com argila ou massinha de modelar) e para as bonecas. Também ensinou o italiano a brincar como “brasileiro” e pediu que ele colocasse no seu braço uma pulseira de pérolas confeccionada por sua turma.



“É preciso criar redes”

Com a precisão de um relógio, Aldo Fortunati voltou a Porto Alegre um ano depois de sua primeira visita ao Colégio João XXIII, em 2015. Na entrevista a seguir – que ele concedeu cercado por crianças na pracinha da Educação Infantil – o educador italiano explica o motivo de seu retorno.

O que o motivou a voltar a Porto Alegre, especificamente ao Colégio João XXIII, exatamente um ano depois da sua visita?

Existe um grave defeito na cultura dos adultos que é o de não ser capaz de olhar para a cultura do futuro. A experiência do João XXIII é extraordinária porque torna visível a oferta de qualidade das crianças pequenas, com envolvimento direto e ativo desse projeto dos educadores e dos pais. Esse é o elemento que liga a experiência do João com os serviços educativos de São Miniato, onde se desenvolve um projeto em que a educação das crianças é responsabilidade da comunidade. Constatar a coerência e a semelhança entre as duas propostas é motivo de grande emoção. É muito importante tornar visível o que pode acontecer quando a educação da criança torna-se um empenho moral e, na prática, coloca o protagonismo infantil junto com a responsabilidade do adulto.

Qual a importância prática dessa relação- e similaridade- entre as duas experiências educativas levadas adiante em pontos tão diferentes do mundo?

Creio que existem dificuldades para ligar experiências diferentes. Em muitos casos, se constroem muros para separar experiências. Isso me faz pensar na importância de construir redes no mundo. Redes que permitam que essas experiências se mantenham em contato ao longo do tempo. Que trabalhem unidas para colocar sempre no centro da política a ideia de que a educação é o único modo de se construir um futuro melhor, mas também um modo de garantir o direito das crianças. Não amanhã, mas hoje.



Entre uma “lição” de brasilidade e outra, interrogou-o: “Como são as crianças lá onde tu moras?” Ele riu e respondeu com a costumeira naturalidade: “Muito parecidas com vocês. Adoram brincar e inventar jogos”. Ela complementou: “Eu gosto de ser criança, gosto de brincar e de conhecer as coisas. E também gosto de te mostrar as coisas”. Dali para frente, seguiu de mãos dadas com ele. Em dado momento,

virou-se para os colegas mais tímidos e, com a mão protegendo a boca como quem conta um segredo, tranquilizou-os: “Ele é o Aldo e trabalha em uma escola lá na Itália. É bem legal”. Mais tarde, despediu-se oferecendo uma rosa de papel e um cartão, caprichosamente acomodado em um envelope também feito artesanalmente por ela. Se havia ou não uma mensagem, não se ficou sabendo. Rayssa fez questão de informar

que o cartão era para Aldo e ninguém mais.

Aldo levou, ainda, outros presentes- dois livros sobre pequenos indígenas escrito por Marie-Ange Bordas: Manual das Crianças da Baixa Amazônia e Manual da Criança Caiçara. A iniciativa partiu de Inácio Ortigara Bordas do NH, que é sobrinho da autora e preocupou-se em informar o educador italiano sobre a existência dos “curumunins” no Brasil.



“Mi fa tanto bene”

Roupa suja de terra, tênis desamarrado, coque quase desfeito e faces coradas, Chiara evadiu-se da turnê cumprida por Aldo e misturou-se com as crianças no parquinho. Ali traçou arabescos com o dedo na areia e improvisou um coral bilíngue, cantando, junto com a gurizada, a música de Toquinho e Vinicius de Moraes “Uma casa muito engraçada”. Ao final da visita, após receber um caprichado bolo de terra de presente, virou-se para as professoras do João, rindo, e comentou: “Mi fa tanto bene”.



Projeto conquista prêmio e ganha o mundo

O projeto interdisciplinar “Arremesso de respeito, corrida de superação, revezamento de solidariedade e uma sacada de transformação social: vivências paraolímpicas”, está conquistando o mundo. Por meio de uma iniciativa dos Correios, ele chegou até os atletas paralímpicos hospedados na Vila Olímpica. O trabalho também ganhou o troféu Destaque, no “XI Salão UFRGS Jovem” em solenidade ocorrida no dia 16 de setembro, no Salão de Atos da Reitoria. “Vivenciar a integração da Educação Física no contexto científico é muito estimulante e a coordenação pedagógica da Escola costurou bem a integração das demais disciplinas. Foi uma iniciativa completa, que resultou na mudança de paradigma dos alunos”, observou o professor Juliano Meneghetti de Carvalho.

Proposto pelos professores de Educação Física da etapa de 1º ao 5º ano, Paolo Franciozi, Sérgio Ricardo Santos Júnior e Juliano Meneghetti de Carvalho, o projeto, realizado desde o início do ano, serviu de motivação para a gurizada participar da iniciativa dos Correios, que estimula o envio de aerogramas para os atletas ou equipe preferida. “Escrevi para o jogador

de basquete Paulo Roberto Barcellos, porque é o esporte adaptado que mais admiro. A cesta é da mesma altura das partidas tradicionais”, explicou a aluna Mariana Raldi, do 5E. “Estamos felizes em ver o trabalho de formação integral dos alunos ganhando contornos tão especiais no esporte”, comemorou a coordenadora pedagógica da etapa de 1º ao 5º ano, Iane Ely Godoi Viera.

Motivados pelo clima esportivo despertado nos brasileiros em razão dos “Jogos Olímpicos” e dos “Jogos Paralímpicos”, os professores incluíram algumas modalidades do esporte adaptado nas aulas de Educação Física e nas Olimpíadas do João, ocorrida em abril. A partir daí, corrida com guia, partidas de vôlei sentado, futebol de cegos e goal ball fazem parte da rotina da gurizada. A ideia inicial era mostrar que todos podem praticar o esporte, mas o projeto foi além, incentivando a reflexão sobre as dificuldades das pessoas com necessidades especiais. “A apresentação das crianças no Salão foi, para mim, o momento mais emocionante, porque vieram relatos sobre as possibilidades das pessoas com deficiência e, ali, ficou cla-

ro o quanto o trabalho resultou na transformação de valores e de visão de mundo das crianças”, lembrou Paolo.

A Educação Física foi o fio condutor do estudo que agregou Matemática, com os infográficos sobre o esporte adaptado; Português e Inglês, com os cordéis e as pesquisas sobre a rotina dos atletas paraolímpicos. A palestra com o jornalista do Comitê Paralímpico Brasileiro e ex-aluno da Escola, Caetano Manenti, trouxe mais informação, e as famílias também participaram tanto das reflexões quanto das vivências paraolímpicas. “O trabalho, vinculado à proposta da Escola de formação integral do aluno, mostrou que o esporte, no João XXIII, é, sim, uma poderosa ferramenta de transformação social e de formação de cidadãos”, afirmou Iane.





Fotos p. 6 e 7: Audiovisual Joao XXIII e Rafael Wilhelm

Cardápio cultural variado no Ginásio de Esportes

Responda depressa: o que a paralimpíada tem em comum com a literatura e a informática? Acertou quem respondeu Feira do Livro do João. Durante o evento, o Ginásio de Esportes acolheu atividades envolvendo ambos esses temas e muitos mais, transformando-se em uma eclética mostra desportivo-cultural com inserções digitais, nutricionais e museológicas.

O cardápio de atrações agradava visitantes de todos os gostos. Enquanto um grupo de estudantes jogava uma partida de vôlei sentado inspirado na Paralimpíada, também podiam ser lidas poesias gastronômicas feitas pelos alunos do 5º ano envolvidos no combate à obesidade e na cultura dos alimentos saudáveis: “Fast food faz mal para a saúde/Pois dentro dele não tem virtude” ou “Se tu te viciar em bolacha e refrigerante/ Engordará a cada instante”.

Logo adiante, o tema era virtualmente diverso: Netiqueta, ética digital, traduzido em vídeos A informática e o esporte tornavam a se aproximar na simulação de um infográfico olímpico decorado com bolas, bambolês, raquetes de tênis, e até cadeira de rodas. E então, lá vinha de novo a poesia, em meio a um cenário de cortinas de chita e almofadas coloridas, contrastando com o tradicional preto e branco da literatura de cordel.

Artísticas molduras de papel machê

davam um toque artístico ao ambiente e uma nova área do conhecimento – a museologia – era introduzida com as invenções malucas do Museu Desmiolado, inspirado na obra homônima do escritor Alexandre Brito.

A proposta, desenvolvida junto ao 3º ano, era ressignificar o sentido da palavra “museu” como espaço vivo de interação, de criação, de produção e de divulgação de cultura, assim como das histórias de vida em diferentes tempos, e não apenas vinculado à Antiguidade. Após a leitura da obra e dos exercícios de reflexões e criatividade, as crianças foram instigadas a transformar caixas de sapato em museu pessoais. O resultado foram relicários recheadas de objetos capazes de contar um pouquinho da vida de cada um.

Luciane Pereira emocionou-se a ponto de chorar, ao fazer o inventário das lembranças eleitas pelo filho Leonardo Leão, aluno do 3H, para demarcar seus tenros oito anos de vida. Entre outros “tesouros”, ele acomodou na caixa um trem recortado em E.V.A – sobra das lembrancinhas distribuídas aos parentes e amigos que o visitaram na maternidade – a miniatura de um avião para simbolizar seu primeiro voo (no caso uma viagem de férias com os pais) e um lápis, porque, conforme explicou à mãe, achava muito importante ter aprendido a escrever.

Histórias do João

Os olhos de Frida

Eram muitos: os rostos, as roupas, o movimento, a mensagem. No dia em que chego ao Colégio João XXIII para participar do Planeta Literatura 2016, fico assombrado com os olhos que me recebem: os olhos fortes e incisivos dos adolescentes de Frida. E eles estão por todos espaços da Escola: nas salas, nos corredores, no pátio.

A Festa Literária do João XXIII trouxe ao nosso Colégio a textura dos livros, o colorido das letras, das instalações, dos poemas sobrevo-

ando superfícies, interatividade entre conteúdo e forma, numa síntese: nos trouxe o colorido da celebração. As cores de Frida. Estampadas nos rostos que percorriam o caminho dos livros, os espaços, as salas-ambientes dedicadas aos projetos de professores e alunos. Numa dessas salas, adolescentes nos apresentavam dados, costumes e informações sobre a cultura mexicana. E lá estavam as Fridas e os Kahlo. Na pintura dos rostos, no sorriso estampado, na representação pictórica e alegre da dor de uma artista que simboliza tanto a diversidade e superação, como a inclusão. E aqueles alunos a me explicarem nuances e culturas, estilos e andamentos, relato e literatura, formavam em mim o entendimento de que, sim, estava na Escola certa. A nossa.

O João XXIII, este colégio Único. Aqui, dentre os muitos espaços de socialização e troca de ideias que dispõem os alunos do João, a Festa Literária ocupa um lugar especial no calendário anual por ser um dos eventos mais inclusivos e diversos deste Colégio. Todos participam, desde os pequenos e seus projetos táteis até a contestação irreverente dos adolescentes vestidos de Frida, todos aqui encontram espaço para expandir sua criatividade – e os registros fotográficos da festa estão a lembrar aquele colorido único que encontrei sintetizado no projeto sobre a artista plástica e exemplo de superação: Frida Kahlo. Este um exemplo de que a criatividade dos projetos integrados alunos / professores nos aponta não a característica

marcante do aprendizado no João XXIII – a multiplicidade de ideias e pensamentos – mas também a criatividade na demonstração / condução / apresentação do aprendizado adquirido em sala de aula para toda a comunidade de pais, professores e funcionários.

No calor dessa fome literária demonstrada pela comunidade do Colégio João XXIII durante a Festa Literária, ficam-me dançando na memória os olhos de Frida, a irreverência destes jovens que estão prestes a transformar o mundo em que vivemos. Aqui aprendem a fazer isso com carinho e acolhimento; sem mordanças ou dolosos messianismos.

Edgar Aristimunho
pai do Mateus do 9º ano C

Boletim do Conselho



Planejamento estratégico desenha o futuro do João

Com 52 anos completados em 23 de agosto, o Colégio João XXIII traça seu futuro. Professores e funcionários da Escola foram apresentados ao Planejamento Estratégico do Colégio, que vem sendo pensando desde janeiro deste ano. “Desenhar o que e onde a Instituição quer chegar, repensar valores e princípios são objetivos do Planejamento Estratégico”, afirmou o consultor Ricardo Karsten, da empresa Beringer Consulting. A ideia é a de que o planejamento atue na parte física e operacional do João XXIII, sendo

construído junto com a comunidade escolar até abril de 2017. Para isso, dois grupos de trabalhos estão sendo formados: o Comitê Gestor de Planejamento – formado por 11 pessoas que representam os segmentos da Escola; e o grupo de trabalho – formado por cerca de 50 pessoas igualmente representativas. A fim de habilitar os membros do Comitê Gestor, no sábado, 17, houve a primeira capacitação na Escola. O diretor de Comunicação, Edgar Aristimunho, faz parte do Comitê, garantindo a divulgação das etapas

do processo para a comunidade escolar.

A presidente da Fundação Educacional João XXIII, Laura Eifler Silva, líder do projeto de Planejamento Estratégico, garantiu que a proposta de consultoria da empresa Beringer está alinhada ao modelo de gestão coletiva e comunitária realizado pelo Colégio. “Ela está de acordo com a concepção do João, em que todos constroem juntos”, afirmou Laura.

Tanto Ricardo quanto Laura reconhecem que muitos projetos inseridos no Planejamento Estratégico

já vêm sendo construídos pela equipe pedagógica. Um exemplo são as salas ambientes, citadas pela diretora Anelori Lange. “O Planejamento Estratégico assegura o futuro da Instituição, sendo uma forma de garantir a conclusão de projetos desejados por nós”, afirmou Ane. A supervisora pedagógica Mirian Zambonato complementou: “O processo garante o fortalecimento do João XXIII a partir de uma proposta diferenciada, agregando valor às práticas pedagógicas que desenvolvemos e que nos torna um Colégio único”, declarou.



Foto: Rafael Wilhelm

Encontro marcado com a poesia

O João marcou um encontro com a poesia em uma manhã de chuva. Nenhum dos dois faltou. O pátio, o ginásio de esportes, os prédios e as salas invadidas pela Feira do Livro, versão 2016 lotaram no sábado de encerramento. Além das bancas para comercialização das obras, os inventivos e surpreendentes trabalhos das turmas disputavam a atenção com um time de escritores para ninguém botar defeito, como Carlos Peralta, Eliandro Rocha, Antonio Schimenek, Jennifer Castellan, Carol Bensimon, Marisa Eizirick, Alcy Cheuiche, Paula Teitelbaum, Alexandre Brito, Rosinha Campos, Juremir Machado da Silva e Ivone Rizzo Bins, professora de Arte recém aposentada, cujos olhos brilharam ao ver-se novamente integrada à comunidade escolar.

Nos três dias de duração da Feira – 18 a 20 de agosto – foram oferecidas aos visitantes mais de 40 atividades. Entre elas, projetos desenvolvidos da Classe-Bebê ao Ensino Médio. Até as janelas do bar viraram galerias, abrigando imagens e biografias dos poetas de todos os tempos, além de acolher a “Invasão de fotos” do 5º ano, inspirada na obra do ex-aluno Lucas Levitan.

Os escambos de livros e gibis também mobilizaram a gurizada que, desdenhando o chuvisqueiro, corria livre como se estivesse no próprio pátio de casa, entre as ca-

veiras ambulantes e as personagens multicoloridas evadidas do Museu Vivo da Frida. Engrossando o cortejo dos fantasiados, as professoras da Educação Infantil também se apresentaram vestidas a caráter para contar histórias rimadas na atividade Poesia para Imaginar e Brincar. Desde o dia 18 – quanto os professores Ibirá Costa e Rafael Garcia abriram as portas da Feira com a palestra “Lirismo ontem e hoje: a poesia nossa de cada dia” – até o sábado nublado de 20 de agosto, o João virou Planeta Literatura, onde todos se comunicavam por meio de um idioma poético.

“É maravilhoso ver o envolvimento de todos com a poesia, que normalmente é vista como algo distante pelos adolescentes. Mas hoje (20 de agosto), nesta manhã fria e nublada, eles levantaram bem cedo e às 8 horas já estavam aqui – alguns deles maquilados e fantasiados – para participar da Feira”

Mirian Zambonato

Coordenadora Pedagógica
9º ano e Ensino Médio e
Supervisora Pedagógica Geral

Ler é um ato político. Ler é um ato de cidadania. Por meio da leitura se tem acesso a várias versões, vários pensamentos de várias pessoas. É um diálogo com diversos pontos de vista. Só conhecendo esses pontos de vista é possível formar a própria opinião. Se estamos expostos apenas a um canal, a uma mídia filtrada, a nossa opinião será, certamente, mais rasa. A leitura dá perspectiva histórica aprofundada e confiável para muito além do facebook. Por tudo isso, essa Feira do Livro renovou o meu encantamento. É verdade que leitura combina com a chuva, mas a gente sempre pensa em ficar lendo aconchegada em casa. Quando vi aquele sábado chuvoso, pensei: ‘Não vai vir ninguém’. Mas veio todo mundo. E os estudantes vieram porque eram os protagonistas do evento. São os trabalhos deles que estão expostos, e não apenas livros para serem vendidos. Foi um teste, e o João passou no teste.”

Eliane Santa Brígida

bibliotecária do Colégio João XXIII



Frida vive!

O que pode motivar um adolescente a deixar as cobertas quentes às 7 horas em uma manhã fria e chuvosa de sábado? A professora de Língua Espanhola do João, Ângela Bono, tem a resposta na ponta da língua: uma mulher talentosa, ousada e polêmica. A mestra e seus alunos da 2ª e 3ª série do Ensino Médio foram os responsáveis pela montagem de um dos espaços mais concorridos da Feira do Livro – o Museu Vivo Frida Khalo, instalado na sala 404, que também contou com a participação do professor de Artes André Rocha – o Caju – e a colaboração de várias outras disciplinas.

A montagem do museu foi planejada com minúcias durante muitas e muitas aulas. Em grupo, os estudantes pintaram grandes painéis com releituras das obras da pintora mexicana. Alguns quadros de Frida foram projetados nas telas para facilitar o trabalho dos alunos, mas a maioria preferiu pintar à mão livre, informava Caju. “A sala de aula acabou virando ate-

lier, e todas as matérias cederam períodos para que conseguíssemos concluir o trabalho”, orgulha-se.

Para cumprir a ambiciosa tarefa, os estudantes foram divididos em dois projetos, explicou Ângela. A 3ª série do EM pesquisou a biografia e as peculiaridades da artista para poder representá-la, perfilados diante das obras, como clones de Frida e Rivera. Fábio dos Santos Rodrigues da 3C, por exemplo, não fazia feio como Diego, envergando um terno retrô.

Renata Rizzon, da 3A, por sua vez, era um quadro vivo quase perfeito – com os brilhantes cabelos negros, buço e sobrancelhas reforçadas sem exagero ao encarnar uma Frida inusitada em vestimentas masculinas. A menina sentia-se orgulhosa por representar um símbolo da luta pelos direitos da mulher. “Sou feminista porque acredito que não devemos ser reprimidas nem rebaixadas pelo nosso gênero. Cada uma deve ser do jeito que quiser e ninguém

pode julgar alguém por isso”, opinava.

O tema da 2ª série do EM tangenciou a história de Frida. A gurizada abordou o Dia dos Mortos, uma tradição alegre no México. Por conta disso, a Feira foi povoada por divertidas caveiras enfeitadas com flores e maquiagens caprichadas. Eles também desvendaram os mistérios culinários da pintora ao mergulharem no seu livro “Segredos de Frida”. A pesquisa resultou em um pequeno banquete oferecido aos visitantes do Museu. No cardápio, *Gordita de Maiz*, *Quesadilla* e *Pão de Muerto*.

Contaminada até a medula pelo “vírus” Frida, a professora Ângela, apesar de clara e alourada, também apresentou-se travestida de Frida, com direito a tiara florida, xale colorido e saia longa. “Não podia ser diferente”, justificava, confessando ter dificuldade para encontrar palavras que expressassem seu orgulho. Logo ela, normalmente tão conversadeira e extrovertida, naquele dia foi traída pela emoção.



Na pele de uma mulher



Olhares curiosos, constrangidos, irônicos, desgostosos, escandalizados, dardejaram Lucas Noronha, da 3 A, no dia 20 de agosto, quando ele encarnou Frida Kahlo na Feira do Livro. “As pessoas me encaravam até mesmo quando eu estava dentro do carro. Algumas apontavam outras viravam o rosto e teve mães que afastaram os filhos de mim”, surpreendeu-se.

Ao ser eleito o “Frido” do grupo – por ser o mais “latino” e usar cabelos longos- ele não suspeitou quanta estranheza causaria ao vestir a pele de uma mulher. Garimpou uma saia longa, um casaquinho curto com ares antigos e colares de contas, e virou Frida. O toque de mestre foi dado pela colega de aula Vitória Batistela, adepta da maquiagem artística, capaz de simular até talhos, queimaduras, esfolados e equimoses com pigmentos comprados em suas viagens ao exterior. O batom de Lucas, por exemplo, era uma mistura feita com cera e um tom muito peculiar de vermelho-cerâmica sem o brilho característico dos cosméticos femininos.

Lucas estava contente por encarnar o personagem. Mas, se ele pensou ser apenas uma tarefa de aula, enganou-se. As reações alheias provocaram-lhe muitas reflexões, mas nenhum constrangimento. “Me senti mais livre dos modos programados que as pessoas têm de se comportar. A gente pode ser diferente. E foi uma sensação boa encarar este desafio sem sentir vergonha”



Fotos p. 10 e 11: Audiovisual João XXIII e Rafael Wilhelm

Passarinho

Sou um passarinho
E quero voar
Fora do ninho
Irei pairar
Nas trevas da noite
Irei me esconder
Brincar à luz da lua
Irei com você
Pobre passarinho
Não tem asas para voar
Fique dentro do ninho
Ou irá tombar
Voar, voar
Abre as asas passarinho
Senão retornará

Renata Campos
9 A

Sou Livro

Sem você não sou nada
Não sou letra nem papel
Muito menos capa dura

Sem você não tenho nada
Personagem ou enredo
Muito menos história

Sem você eu não existo
Não sou desejado
Que dirá ser criado

Sem você leitor
Eu sou só um
pedaço de nada
Sem você leitor
Eu não sou livro

Nathalia Macedo
9C

Palavras ao vento e também nos muros

Uma folha de papel amarelado, uma pena e um tinteiro foram, durante muitos anos, imagens associadas à poesia, também relacionada ao amor romântico e a uma certa nostalgia. A Feira do Livro do João colocou por terra esse estereótipo. No espaço ocupado pela etapa 9º ano ao Ensino Médio, por exemplo, versos rimados se apresentavam voláteis ou concretos. Muros, retalhos de pano e varais formavam o território dos poemas.

Até as mais áridas paredes de tijolos e cimento podem ser poéticas, filosóficas, indignadas e divertidas. Um trabalho de garimpagem e documentação dos grafites e pichações carimbados nos muros do mundo – feito pelo 2º e 3º ano do Ensino Médio – provou isso. Nas fotos, os visitantes podiam ler frases como: “Desculpe o atraso / Fiquei preso num poema”, “Ninguém pode sonhar por ti”, “A arte não ama covardes”, “Eu sou livre / Tu és livre / Viva a liberdade”, e “Odeio bife de fígado”.

Gravitando em torno do

efêmero, o 9º ano gravou suas poesias em colchas ou pendurou-as em varais que voavam com o vento. “Penso que nos falta delicadeza, por isso a palavra chave foi essa: delicadeza. Minha responsabilidade era desconstruir o material e provocar olhares diferentes da realidade. Foi um trabalho de formiga até cada turma desenvolver um ponto de vista, como costurar palavras e sentimentos em uma colcha de retalhos”, lembra a professora de Literatura Cláudia Fagundes.

Objetos poéticos – como marca páginas, por exemplo – também foram expostos na mostra. “Normalmente ninguém dá valor a um marca página e só pensa na sua função”, explicava Nathalia Macedo do 9C. A adolescente mergulhou de cabeça no projeto, que foi para ela uma espécie de revelação. “A professora nos fez sair para o pátio em um dia nublado, tocar nas coisas, abraçar as árvores, sentir as texturas. As folhas estavam úmidas, caídas, pareciam chorar. Cheiramos a terra, sentamos no tronco e ouvimos música. Então, ela perguntou: se a música fosse um sentimento, qual seria?” Esta parada para redescobrir o mundo não foi em vão. Traduzida em palavras, o dia virou poesia.



Fotos p. 12: Rafael Wilhelm

Flores nas janelas, roupas no varal

O prédio do 1º ao 5º transformou-se em uma cidadela durante a Feira do Livro. Além dos edifícios – com janelas indiscretas ornadas de cortinas e servindo de

moldura para gatos, passarinhos e vasos floridos – os visitantes também podiam visitar um cinema e escutar histórias no escurinho. Não faltaram, também,

as tradicionais roupas no varal, desenhadas com o auxílio da professora Berenice Ludwig, do 4 D. “Cada um pintou a própria roupa. Ficou com jeitinho de cortiço”, divertia-se.

Os livros trabalhados em sala de aula inspiraram a mutação do local. Em uma das

maiores janelas, por exemplo, os visitantes podiam tocar a sineta para receber uma rosa de papel e um conto. Para dar conta do grande público interessado, as crianças se revezaram no posto, trocando as escalas de 15 em 15 minutos. Sentavam na cadeirinha e, ocultos

pelo cenário, meninos e meninas se compenetravam para relatar a história, imitando a entonação quase cantada utilizada pelos adultos quando leem livros para seus filhos adormecerem em paz: “Em um reino não muito longe daqui vivia uma jovem princesa...”

Sociedade dos poetas vivos

A Sociedade dos Poetas Vivos é uma Sociedade Anônima. Os poemas não são assinados, não têm autores. A subversão da regra foi escolha dos jovens participantes do projeto. “Somos uma junção de pessoas que está buscando se livrar dos incômodos por meio da poesia”, explica Pedro Spieker, da 3 A, também músico e disposto a transformar em canções alguns dos trabalhos realizados por ele e seus colegas.

O anonimato está relacionado com a plena liberdade de escrever sem a pressão da crítica externa ou da autocritica. Mas também tem a ver com o espírito coletivo do grupo, organizado pelo professor Ibirá Costa. “Não importa quem é o poeta, o que importa é a poesia. É compreender a ti mesmo e as coisas a tua volta”, resume Pedro.

Dona Rima e a Chuvesia



Por acaso – mas não tanto – Dona Rima desfilava entre as bancas da Feira do Livro girando um guarda-chuva enfeitado com poemas e vestindo uma saia sedosa azul celeste com estampa de rosas que um dia foi uma sombrinha. O artefato – batizado Chuvesia (chuva de poesia) – foi criado bem antes da previsões de mau tempo, mas casou com uma luva com o sábado emburrado do encerramento.

Dona Rima é a personagem da contadora de histórias do João, Fabiana Souza.

O nome, confessa, foi uma sugestão da bibliotecária Eliane Santa Brígida, oficialmente alçada ao posto de madrinha. Mas o figurino e a Chuvesia são criações suas. Encarnada pelo seu alter-ego literário, Fabiana sustentava não ser Fabiana diante do olhar incrédulo das crianças. “Mas tu és igual a ela. Até a voz”, retrucavam os pequenos, com os olhos arregalados. “Somos primas”, garantia, com a boca pintada bem séria e os olhos – também maquiados com brilhos cintilantes – sorrindo.